CONTOS ORAIS: DA TRADIÇÃO MEMORIALÍSTICA AO ESTUDO DE GÊNEROS

Valdirene de Jesus Alves*

RESUMO

O artigo é resultado de pesquisa realizada no município de Palmas de Monte Alto, Bahia a partir da apreciação de um *corpus* de narrativas de tradição oral veiculadas pelos moradores do lugar. Após a coleta procedeu-se a análise dos textos sob duas perspectivas: a primeira em que foram analisados os elementos simbólicos presentes nas narrativas, evidenciando-as como espaço revelador de memória e do imaginário coletivo. A segunda incidiu sobre a arquitetura, os aspectos discursivos e linguísticos das narrativas, delineando as características do gênero conto oral e sinalizando a sua aplicação em aulas de língua materna.

O objetivo do trabalho é contribuir para o registro e compreensão das narrativas orais montealtense, entendendo-as como espaço de preservação da memória local. A pesquisa vem também sinalizar para uma abordagem do gênero conto oral em sala de aula, de modo que este corrobore não somente para o ensino da língua materna, mas, sobretudo, para garantir às crianças e aos jovens o acesso a um bem cultural do lugar onde vivem, avalizando, assim a perpetuação dessa memória.

Palavras-chave: tradição oral, memória, imaginário, gêneros orais

ABSTRACT

The article is the result of a survey conducted in the city of Palmas de Monte Alto, Bahia from the examination of a corpus of narratives of oral tradition transmitted by the residents of the place. After collecting proceeded to the analysis of texts from two perspectives: the first in which we analyzed the symbolic elements present in the narratives, showing them as a place of memory and revealing the collective imagination. The second analysis focused on the perspective of architecture, discursive and linguistic aspects of narrative, outlining the characteristics of the oral tale genre and signaling its application in language classes. The study aims to contribute to the record and understanding of oral narratives montealtense, understanding them as memory space preservation site. The research has also signal an approach to oral tale of gender in the classroom, so that it supports not only the teaching of mother tongue, but, above all, to ensure that children and young people access to a cultural place where they live, guaranteeing thus the perpetuation of this memory.

Keywords: oral tradition, memory, imagination, oral genres

* Graduada em Pedagogia, UNEB – Campus XII, especialista em Gestão Escolar/UCB-RJ e Leitura e Produção Textual na Escola, UESC/Ihéus, graduanda em Letras pela UNEB/Plataforma Freire – Palmas de Monte Alto, coordenadora pedagógica da rede municipal de Palmas de Monte Alto/BA.

1. INTRODUÇÃO

A motivação inicial para efetivação desta pesquisa surgiu do conhecimento de que na cidade de Palmas de Monte Alto, interior da Bahia, há muitos contadores de histórias e muitas histórias passíveis de estudos ou registros. Atrelada a isso está o fato de que o século XXI nos encaminha para outra conjuntura social caracterizada por outro modo de organização social, bem como pela informatização dos modos de se comunicar, os quais criam mecanismos que podem favorecer o fortalecimento e proteção de culturas imateriais e com o apoio desses equipamentos, frente ao envelhecimento e morte de antigos narradores, podemos registrar as muitas histórias contadas nessa cidade, salvando-as do risco de desaparecerem junto com seus contadores.

Segundo Cascudo (1997), o conto oral caminha ao lado da literatura intelectual letrada como águas paralelas, solitárias e poderosas da memória e da imaginação popular carregadas de simbologia, que esconde representações mentais, conscientes ou não, formadas a partir de vivências, lembranças e percepções passadas, passíveis de serem modificadas por novas experiências, uma vez que ao criar e contar histórias, as pessoas tentam reproduzir aspectos do mundo que os circundam e, por isso, essas histórias carregam consigo informações históricas, antropológicas, psicológicas e lingüísticas.

Essa natureza do conto popular remete à compreensão de que, no decurso dos elementos nele narrado, encontra-se representações simbólicas da realidade, ou seja, ao criar e contar histórias, as pessoas e/ou povos tentam reproduzir aspectos do mundo que os circundam. Isso acontece porque todo comportamento humano é baseado naquilo que o indivíduo conhece da realidade, a que Laplantine (1997, p.12) chama de real e que define como sendo “a interpretação que os homens atribuem à realidade”. Assim, o imaginário é uma das formas de interpretação simbólica do mundo e seus significados e representações são compartilhados pelos membros de um grupo, configurando-se no que Halbwachs (2006) denominou de memória coletiva.

Cumprе ressaltar que o ato de contar história – narrar –, segundo estudiosos da literatura popular como Cascudo (2006), Ayala (1989) é mais complexo que um simples falar: discurso que implica comunicação face a face e abarca códigos que se desenvolvem tanto no plano verbal como no gestual. Sobre esse evento, Zumthor (2003) afirma que numa modalidade oral, um texto é composto de sequências lingüísticas, ao passo que a obra (intervenção dialógica, a voz) abarca tanto o texto como também elementos extratextuais

como sonoridade, ritmos, elementos visuais, sendo texto e obra, numa situação de interlocução, a *performance*.

Nesse sentido, os contos orais, enquanto prática de linguagem falada presente no cotidiano de muitos brasileiros, podem se tornar objetos de ensino da oralidade na escola. Sobre isso, Schneuwly (2004) atesta que, para se ensinar os gêneros orais, é preciso que se arquitete no interior da sala um processo de *ficcionalização*, que supõe uma representação puramente interna e cognitiva da situação de interação, fazendo com que enunciador, destinatário, objetivo e lugar social passem a ser representados de forma abstrata. Isso implica uma intervenção didática no ensino do oral que pode ser realizada por meio de uma sequência didática: “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito (SCHNEUWLY 2004, p. 97). Sua finalidade é auxiliar o educando no domínio de um gênero textual, dotando-o de competências de modo que possa adequar o seu discurso oral à situação de comunicação.

Frente a isso, o objetivo da pesquisa foi coletar contos que povoam o universo simbólico dos montealtenses para identificar os processos de produção do imaginário por meio da interpretação dos elementos simbólicos neles presentes, tratando-os enquanto tradição oral e memória coletiva; além disso, estudá-los em seus aspectos funcionais e tipológicos, traçando as suas características como gêneros discursivos orais e, com base nisso, propor entrada desses textos na escola como objeto de ensino-aprendizagem em aulas de língua materna.

2. O CONTO ORAL COMO EXPRESSÃO DO IMAGINÁRIO MONTEALTENSE

Sendo a cidade um espaço que se constrói de história e de memória, uma senda de relações que se consubstanciam num plano intrincado de narrativas em que homens e mulheres projetam suas experiências, valores e coletivamente compartilham significados e realizam suas vidas, somos permanentemente convidados ao reconhecimento dessas narrativas. Isso se reconhece na cidade de Palmas de Monte Alto – cenário rico em narrativas orais, especialmente os contos orais que perduram na boca dos contadores, por isso o ávido interesse em garimpar essas histórias, desvendar os sentidos que elas trazem e fazê-las chegar ao espaço escolar. Para isso, efetivou-se no seio dessa cidade uma pesquisa participante e investigativa arraigada numa abordagem qualitativa, valendo de entrevista semi estruturada (anexo 01) com questionamentos relacionados ao objeto pesquisado (conto oral).

Em uma primeira fase, fez-se entre os moradores um levantamento prévio que permitiu a identificação de vários narradores, a maioria homens e mulheres com mais de quarenta (40) anos, entre eles agricultores aposentados, donas de casa, professores, açougueiros, cantores, comerciantes, funcionários públicos entre outros que guardam em sua memória vários contos. A escolha de indivíduos dessa idade se fez por dois motivos: primeiro porque a maioria dos narradores que conhecemos na comunidade eram pessoas com mais de quarenta anos e, segundo, porque viveram em um período em que a prática de contar e ouvir histórias em famílias ainda prevalecia.

Em seguida, foram selecionados 05 narradores, observando critérios como: moradores que vivem no município desde que nasceram e que possuem um repertório de contos variados; narradores cujos contos tematizassem aspectos relevantes da vida e da cultura local, principalmente aqueles que se referem a fatos relacionados à formação da cidade, às relações de trabalho, valores familiares, a relação do homem (sertanejo) com a natureza, manifestações culturais, os elementos físicos e naturais que caracterizam o lugarejo (serra, vento, cachoeiras, animais).

Nesse processo, foram coletados 20 contos, utilizando-se como instrumento entrevistas semi estruturadas que aconteceram na casa dos entrevistados donde eram filmados e fotografados. Desses contos, apenas 03 (três) foram selecionados, tomando como parâmetro a temática abordada e os três eixos temáticos: valores e relações familiares, relações de trabalho e formação do município, bem como o enquadramento na classificação feita por Cascudo (2005): contos de encantamento, contos de exemplo, contos de animais, contos etiológicos, contos cumulativos entre outros. Assim, selecionamos os contos:

- *João Preguiça* – narrado por Maria Neves, 59 anos, como *conto de exemplo*;
- *O Lobisomem de Monte Alto* – narrado por Ana, 86 anos e Gertrudes, 56 anos (mãe e filha), como *causo*;
- *Cumpade Baê* – Pedro Neves, 82 anos, como *anedota*.

Esses três contos foram transcritos, utilizando-se como fundamento os códigos de transcrição da análise da conversação (anexo 02), tomando como suporte teórico Castilho (2000) e Marchusci (2007) e, em seguida, analisados à luz de abordagens teóricas das ciências sociais, lingüísticas e literárias, principalmente às referentes à oralidade, cultura popular e imaginário.

Vale ressaltar que além das transcrições, as gravações foram intensamente ouvidas e observadas, já que consistia na evidência daquilo que fora narrado – momento performático –

passível de estudo e compreensão em se tratado de um trabalho que tem como foco a pesquisa oral.

Ao proceder à análise do *corpus* dos três contos narrados, verificamos que a os elementos simbólicos presentes nos textos, alguns apresentam dimensão geral, encontrados em outras histórias contadas e/ou coletadas no Brasil por pesquisadores da área, outros são próprios do lugar e, geralmente, remetem a valores que norteiam as relações familiares, o trabalho e o modo como as pessoas relacionam com a cidade.

No conto *João Preguiça* (anexo 03), encontramos temas específicos voltados para a relação homem/trabalho/família/casamento, os quais se apresentam mediados por representações, ou seja, por configurações simbólicas que formatam a maneira de pensar e viver essas práticas e papéis sociais (organização familiar assentadas nas bases do patriarcado em que o homem é o provedor da família e João não se enquadrar nesse padrão, sendo punido – perde a esposa), valores (preguiça/trabalho) e símbolos representados por elementos linguísticos que fazem referência a cultura local (umbuzeiro, casa, rede, mundé, paca, fazenda, casamento).

Observamos ainda a presença de dois animais da fauna local apresentados como seres míticos cujas características são, simbolicamente, reinterpretadas: a paca, animal muito caçado na região, fala e o mangangá, abelha caracterizada por ser solitária e possuir um alto zunido, caracteriza-se como símbolo da insistência, uma vez que ao aproximar-se das pessoas, voa insistentemente em volta delas e perturba bastante por seu zunido. Ambos têm papel importante na construção da moral da história: a abelha é a força perseverante que faz João sair do comodismo e paca é a motivação, a força interior que o move para outra condição social: homem casado.

No segundo conto, o *“Lobisomem de Palmas de Monte Alto”* (anexo 04), é latente a figuração simbólica na relação homem/meio – o homem e os mistérios da noite, o devaneio daquilo que ouve, vê, sente –, associando-se à cidade nos seus primórdios: escura, sem eletricidade. Evidencia-se nesse conto, descida do imaginário ao aspecto mais sombrio da noite (CHEVALIER, 2009), apresentando como personagem central um homem que metamorfoseia em animal e assombra as noites da cidade. Trata-se de uma variante de outros causos distantes tanto no tempo como no espaço com enredos coincidentes, referente a seres assombrosos e como tal, apresenta aspectos que se assemelham a outros narrados pelo mundo afora, entretanto são acrescidos de elementos que o modifica, adaptando-o à realidade do lugar (CASCUDO 2006): possui um rosnado diferente, a forma de encantação e

desencantação divergem da maioria narrada pelo Brasil. Segundo Cascudo (2006), no Brasil o desencanto somente acontece se o lobisomem for ferido. Na história narrada pelos moradores dessa cidade, o desencanto aconteceu quando a mulher desvirou a roupa do lobisomem que se encontrava pelo avesso.

Pela memória do Senhor Pedro Neves, 82 anos, funcionário público aposentado, conhecemos **Compade Baê e o Cigarro** e **Compade Baê na Prisão**¹ (anexo 05), anedotas de representação local que fazem referência a personalidade, falecida há alguns anos, conhecida por suas peripécias, jeito distinto (guloso, encenqueiro) e pelas atitudes de esperto-trapalhão que faz lembrar outra do imaginário popular: Pedro Malasarte. Tomando-as enquanto representação, os elementos da narrativa referem-se às relações sociais, familiares e nos revelam aspectos importantes da vida e da cultura do lugar, por exemplo, as relações sociais do compadrio, as relações de poder no tocante aos papéis sociais – detentor/desprovido e dominador/dominado –, evidenciando indícios explícitos que se referem ao contexto temporal onde temos instaladas as relações de autoritarismo tanto no que se refere à atitude do delegado, quanto ao poder político caracterizado pelos mandos e desmandos do poder local.

Assim, mais que textos recordados, os contos narrados pelos montealtenses são a representação do mundo imaginário que compõe e habita o universo desses sujeitos, exercendo um importante papel social no estabelecimento de relações e práticas sociais, valores éticos e morais e espirituais.

3. NARRADOR, NARRATIVA E PERFORMANCE

Palmas de Monte Alto tem um número significativo de contadores que histórias, em sua maioria, antigos moradores da cidade que preservam na memória os fazeres e aspectos importantes da vida da comunidade.

Nos depoimentos concedidos a prática de contar histórias revela-se como uma atividade tecida pelo convívio, pelo coletivo por isso transmitida em família, na vizinhança e realizada nos momentos de diversão, geralmente à noite, conforme explicita o depoimento da professora Maria Neves.

Outro aspecto relevante no que concerne à relação narrador/narrativa. Narrar não é somente expor um assunto, mas é a própria vida, configurando-se como um rito em que aquele que fala e a fala fundem-se. Nela o sujeito organiza sua identidade e constrói a sua própria existência, conforme aponta Ricouer (1997, p.426) “é contando as nossas próprias

1- Títulos dados pela pesquisadora para fins organizativos nessa pesquisa.

histórias que damos a nós mesmos a nossa identidade. Reconhecemo-nos nas histórias que contamos sobre nós mesmos”. No depoimento de Dona Ana, por exemplo, a narradora afirma com convicção que o lobisomem existiu e que ela o conheceu.

No que se refere ao ato de narrar entendido como momento *performático*, verificou-se que o narrador montealtense, faz do momento de narrar uma verdadeira “materialização [...] de uma mensagem poética por meio da voz humana e daquilo que a acompanha, o gesto, ou mesmo a totalidade dos movimentos corporais” (ZUMTHOR 2005, p. 55). Essa proeminência da voz é visível na contação de história do narrador montealtense. Embora, a compreensão do conceito de voz proposto por Zumthor, ultrapasse essa descrição, é ela que favorece tais técnicas. Como exemplos, pode se citar Dona Atília ao descrever as ações do lobisomem engrossa a voz e os barulhos emitidos na tentativa de imitar o ruído do vulpino; ou a narração de Maria de Fátima sonorizada e marcada pela mudança de timbre para lembrar a fala de João Preguiça, a voz do besouro e da paca.

Entremeia-se à voz dos narradores dessa cidade, os elementos “sociocorporais”² como auxiliares do momento performático, que segundo Zumthor (2005) seriam todos os elementos não-textuais relativos tanto à corporeidade dos participantes da *performance*, quanto à própria existência social enquanto grupo e enquanto indivíduo: postura atenta dos ouvintes, envolvimento do narrador e ouvintes construídos no ato da narração, narradores contavam suas histórias auxiliados pela gesticulação, pelo movimento do corpo, pela mudança de ritmos, fazendo aproximar, adentrar e envolver-se com a obra, mudança da expressão facial da narradora para expressar a indignação da personagem Paula quando o marido a chamava de “paca de meu mundé”.

Tudo isso favoreceu para que durante as gravações, momento de *performance*, consubstanciasse entre o narrador, o texto e o ouvinte, interação recíproca.

4. O CONTO ORAL NA ESCOLA: ELEMENTOS PARA UMA ABORDAGEM EM AULAS DE LINGUAGEM

Nesse trabalho, o conto oral será considerado gênero discursivo, conforme entendimento bakhtiniano de “tipos relativamente estáveis de enunciados, reconhecidos e aceitos socialmente e caracterizado pelo conteúdo temático, estilo e construção composicional” (Bakhtin, 1997, 280).

2- Vocábulo usado por Zumthor para referir aos elementos cinéticos, térmicos, traços formais, construídos pela realidade psico-fisiológica do corpo, *ibid*, p.146.

Ponderando a conjectura bakhtiniana, Marcuschi (2005, p. 18) afirma que gêneros, são atividades sócio-discursivas e como tal é produto de trabalho coletivo que “contribui para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”. Nessa perspectiva, o conto oral enquanto gênero é essa construção coletiva cuja finalidade é expressar hábitos e valores, guardar às reminiscências de um povo e ajudá-los a lidar com inevitáveis transições da vida, se constituindo na própria vida.

No que se refere às condições de produção e circulação, o gênero conto tem sua base na tradição oral, guardado no corpo e na mente das pessoas que habitam esse lugar, e, por isso, circula de boca em boca na comunidade transmitidos mediante a contação.

Nesse escopo, a contação de histórias é caracterizada enquanto evento discursivo. Essa denominação está referendada em Marcuschi (2003, p.6) ao discorrer sobre os suportes de gênero, afirma que “o evento caracteriza-se como uma grandeza sócio-interativa vista sob seu aspecto de realização contemplando os atores e toda a organização”.

Entende-se assim: o conto oral é um gênero discursivo dotado de um padrão textual com configurações específicas e estáveis e o modo como é posto em circulação (a narração do conto) é um evento (acontecimento) que toma a forma de uma *performance*, termo utilizado por Zumthor (2005) ao referir-se à globalidade da situação de enunciação oral. Para ele, o texto é composto por sequências linguísticas e, na oralização (a voz), também está presente elementos extra-textuais como ritmo, sonoridade, elementos visuais e situacionais, configurando-se na obra.

Tomando como referência o conto “**João Preguiça**”, o momento da contação é um evento, a gravação é a obra que faz em *performance*; o conto possui estrutura composicional de narrativa (situação inicial, apresentação de um elemento complicado, desenvolvimento e conclusão – resolução da complicação inicial) e para configurar-se dessa forma, o texto oralmente é construindo por meio de sequências linguísticas ordenadas que garantem a textualidade daquilo que se quer transmitir. Além disso, por dar-se pela voz, apresentam elementos particularizadores, meios não-verbais (anexo 06), como os paralinguísticos, cinésicos, posição dos locutores, aspecto exterior, disposição dos lugares, conforme a apresentação de caracterização de Dolz e Schneuwly (2004, p. 160).

É preciso considerar que transformar um gênero como o conto oral em objeto de ensino requer um cuidado especial, tendo sempre em vista: surgimento, meio de circulação ea dimensão histórico-social que assume. Nesse caso e, conforme aponta Schneuwly e Dolz (2004), quando se escolariza um gênero oral, a situação didática produz-se um

desdobramento: o conto como um elemento de comunicação e um objeto de aprendizagem. Portanto, é preciso construir a *ficcionalização* que seria a representação de uma situação abstrata, porém significativa em que poderá acontecer uma intervenção didática para se ensinar um gênero textual. Para isso aponta como proposta a elaboração da sequência didática, o que abarcaria o estudo do conto oral em todas as dimensões: conteúdos, estrutura comunicativa e configurações linguísticas. Seguindo o esquema proposto por Schneuwly e Dolz (2004) a elaboração de uma sequência didática (anexo 07) para se trabalhar o gênero oral ficaria assim delineada:

1. Apresentação de uma situação inicial – criar uma situação que coloque o aluno em contato com o gênero conto oral, de modo que a partir disso de elabore um projeto coletivo de produção oral do gênero.
2. Produção Inicial: possibilitar ao aluno o primeiro contado com o gênero. Momento a ser guiado por uma prática avaliativa criteriosa, uma vez que daqui delinea-se as etapas seguintes.
3. Elaboração dos módulos – de posse dos dados coletados na avaliação, cuja perspectiva é formativa, elaboram se materiais didáticos voltados para as três dimensões textuais: aspectos linguísticos, textuais e discursivos. Isso requer do professor, pesquisa e aprofundamento teórico no sentido de conhecer as especificidades do gênero conto oral, alguns já apontados nesse trabalho.
4. Por fim, a produção final – momento em que o aluno põe em prática tudo que aprendeu durante o projeto.

5. À GUIA DE CONCLUSÃO

Constata-se que o imaginário montealtense está repleto de histórias que desaparecem por falta de registro. Comprova-se também, o pressuposto de que os contos orais narrados pela comunidade estão recheados de elementos simbólicos por meio dos quais é possível conhecer imaginário que relaciona-se a aspectos da cultura local.

Além disso, os contos orais possuem uma riqueza inquestionável do ponto de vista da linguagem popular e, por sua característica falada, podem/devem ser utilizados como objeto de ensino/aprendizagem da língua materna. Nesse sentido, foi possível traçar uma arquitetura desses contos evidenciando os aspectos linguísticos e textuais, considerando-os enquanto atividades sociodiscursivas, elementos de socialização que operam em certos contextos específicos (Marcuschi 2007), bem como estruturar um modelo de proposta didática para

subsidiar atividades de linguagem em sala, concernente ao desenvolvimento de competências intrínsecas ao gênero oral.

A entrada do conto oral narrado no contexto montealtense, na escola, significa também levar a cultura para a sala de aula e favorecer o conhecimento sistemático de uma manifestação comunicativa que incorpora e reproduz aspectos da memória coletiva. Ao fazer isso, a escola autoriza o sujeito da ação pedagógica a sentir-se cidadão e participar ativamente dessas representações.

Ressalte-se que esse desígnio é apenas um propulsor de muitas outras pesquisas a serem delineadas no âmbito da tradição oral e conto popular oral no seio dessa cidade. Muitas veredas emergem dessa proposta – como, por exemplo, aplicação prática em sala de aula, o estudo de outros gêneros orais que não os contos, um estudo no entorno desses contos focando em aspectos específicos como os linguísticos.

Por fim, comprovamos por intermédio dessa pesquisa o homem montealtense é um ser que conta história e povoa o seu imaginário, criando e recriando novas imagens cotidianas que serão passadas às próximas gerações responsáveis pela dinâmica da cultura deste lugar.

REFERÊNCIAS

AYALA, Maria Ignez. O conto popular: um fazer dentro da vida. In: **Encontro Nacional da Anpoll**, 4. 1989, Recife. Anais. Recife: Anpoll, 1989.

BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura – MEC, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.

CASTILHO, Ataliba. **A língua falada no ensino do português**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000. (Repensando o Ensino)

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Vera da Costa e Silva. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

HALWABACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LAPLANTINE, F. e TRINDADE, L. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Procedimentos para estudos de gêneros discursivos da escrita. **Revista Intercâmbio** volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, INSS 1806-275X, 2006. Disponível em: revistas.pucsp.br/index.php <acesso em 08/10/2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e ensino, uma questão pouco ‘falada’**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). O livro didático de português. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Análise da conversação**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Kaygangue, 2005, p.17-33.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10 ed. São Paulo; Cortez, 2010.

MARTIN, Jean-Baptiste (org.). **O Conto: tradição oral e identidade cultural**. Tradução de Rubens Alves Neto e Rosália Maria Netto Prados. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas; Papirus, 1997.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SILVA, René Marc da Costa (Org.) **Cultura popular e educação**. Brasília: Salto para o Futuro/TV Escola/SEED/MEC, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sônia Queiroz. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

_____. **Performance, recepção e leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.